

“COM A FACA NO PESCOÇO”: TRABALHO, MERCADO E RELIGIÃO. A CERTIFICAÇÃO HALAL E OS IMIGRANTES NOS FRIGORÍFICOS DE AVES NO SUL DO PAÍS

João Carlos Tedesco¹

Resumo: O texto analisa a correlação entre trabalho, religião e mercado no universo produtivo e mercantil do setor frigorífico de certificação Halal no Sul do Brasil. A ideia central é demonstrar as correlações entre elementos da tradição religiosa Islâmica e fatores da modernidade mercantil atual, de mercados globalizados; busca compreender aspectos das relações de trabalho movidas por empresas terceirizadas, imigrantes em situação de demanda por refúgio e um processo de ampla rigidez de regramentos, contratos e exigências; defende a ideia de que os trabalhos em frigoríficos revelam a identidade e as representações sociais em torno dos imigrantes no universo laboral.

Palavras-chave: Imigrantes. Trabalho. Frigoríficos. Certificação Halal.

“WITH THE KNIFE IN THE NECK”: LABOR, MARKET AND RELIGION. THE HALAL CERTIFICATION AND IMMIGRANTS IN FRIGORIFICS IN SOUTH OF THE COUNTRY

Abstract: The text analyzes the correlation between work, religion and market in the production and commercial universe of Halal certification frigorific sector in Southern Brazil. The central idea is to demonstrate the correlations between elements of the Islamic religious tradition and actual market's modernity factors, of globalized markets; seeks to understand aspects of labor relations filed by subcontractors, immigrants in a refuge demand situation and a process of broad rigid rules, contracts and requirements; It supports the idea that the work in frigorifics reveal the identity and social representations about immigrants in the labor universe.

Keywords: Immigrants. Job. Frigorific. Halal certification.

1 Prof. do PPGH/UPF (Mestrado e Doutorado em História). Doutor em Ciências Sociais. E-mail: jctedesco@upf.br

Introdução

A intensa presença de frigoríficos em algumas regiões do Paraná (Sudoeste, em particular), em Santa Catarina (Meio-oeste) e Rio Grande do Sul (Centro-norte), tanto de suínos, quanto de frangos, está atraindo alguns milhares de trabalhadores imigrantes. Na realidade, os imigrantes são vistos como sujeitos de e para o trabalho; emigram, em geral, para trabalhar; são acolhidos nas sociedades e nos lugares de destino com essa finalidade; sua vida social e performance pública se concretizam nesse horizonte. Em razão disso, ambos (imigrantes e empregadores) buscam, a partir de seus interesses e possibilidades, maximizar essa identidade que é assumida e representada socialmente.

Desses múltiplos espaços e sujeitos, em nossa sintética e panorâmica análise, daremos ênfase a algumas relações de trabalho e ao sistema de Certificação Halal² presentes em frigoríficos do Centro-norte do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná. Contatamos com responsáveis de seis frigoríficos que possuem o sistema Halal; entrevistamos trabalhadores imigrantes do setor Halal e do sistema convencional.

O trabalho nos frigoríficos, para imigrantes entrevistados, é considerado pesado, de intenso esforço físico, de movimentos repetitivos, de intensa alternância de trabalhadores, de condições insalubres (temperatura, umidade e periculosidade), de profunda vigilância e controle das exigências sanitárias, etc. Enfim, é um espaço em que a presença de imigrantes tem se mostrado intensa. Dos seis frigoríficos que pesquisamos, havia (em março e abril de 2016), em seu total, em torno de 1100 imigrantes num quadro total de funcionários de aproximadamente de 8.000 trabalhadores. Do número total de imigrantes, em torno de 300 atuam nas linhas de produção do sistema Halal de abate.

Os dados demonstram a intensa presença de imigrantes no setor de carnes no Rio Grande do Sul – não muito diferente de outros estados do Brasil Meridional; revelam um nicho amplo de trabalho onde “os daqui não querem trabalhar”, como nos disse um funcionário do setor de recursos humanos de um dos frigoríficos que pesquisamos. Com isso, não podemos afirmar que já tenhamos essa estrutura segmentada no mercado de trabalho brasileiro e, em particular, nos frigoríficos do Sul do Brasil, porém, em entrevistas com empregadores, tornou-se lugar comum afirmar que “pegamos porque não há mais, dos nossos aqui, que queiram trabalhar no pesado”, “se não fosse os imigrantes, teríamos de fechar o frigorífico”. Entrevistamos trabalhadores imigrantes em suas residências nas cidades específicas

2 A noção de Halal carrega consigo simbologias de algo que é lícito, permitido, autorizado ao consumo. É fundamentada no Alcorão e na Jurisprudência islâmica como alimentação permitida por Deus; é um universo que vai além dos significados da esfera alimentar, adentrando para vários campos da vida social, ambiental e humana. Halal significa permitido, autorizado por Deus; o seu oposto é o termo Haram, ilícito, impuro, ilegal. “Foram permitidas todas as coisas sadias”; quanto ao Haram, “Está Vos vedado: a carniça, o sangue, a carne de suíno e tudo o que tenha sido sacrificado com a inovação de outro nome que não seja Deus (SURATA 5,3, apud SEIDLER, 2012, p. 56).

dos frigoríficos. Nesses contatos, havia mescla de imigrantes, ou seja, de vários países (Paquistão, Senegal, Marrocos, Sudão como preponderantes), bem como de trabalhadores do setor convencional de abate das empresas e do setor Halal. Isso se tornou interessante pelas possibilidades de comparação e de percepção dos trabalhadores em torno da atividade; havia trabalhadores com vínculo empregatício com o frigorífico e outros com empresas de certificação Halal, em particular, a CIBAL. Entrevistamos empregadores e responsáveis por determinados setores onde havia imigrantes no quadro de trabalhadores. O teor central das entrevistas girava sempre em torno das relações de trabalho, dados econômicos do setor de abate Halal, suas especificidades e comparações com o abate convencional, a presença de imigrantes no cenário social e de trabalho regional e, em particular, no frigorífico, dentre outros aspectos.³

Justificamos nosso estudo, ainda que preliminar, devido, justamente, a essa realidade intensa de presença de imigrantes no quadro de funcionários do ramo de carnes, em geral, de frangos; do fato de que a Certificação Halal presente nos frigoríficos contribui com um percentual muito alto dos abates e da exportação (em todos eles, a menor participação, atinge em torno de 35% do total exportado), num deles, a exportação é 100% Halal, bem como se intensificou pela presença de trabalhadores imigrantes de origem muçulmana, a maioria deles requerente de refúgio; por serem empresas terceirizadas atuando no interior dos frigoríficos em sua atividade-fim (algo ainda não regulamentado pela legislação brasileira); por haver uma profunda ligação de crenças e princípios religiosos com a dinâmica econômica do setor em mercados modernos, altamente concorrentes e globalizados; ou seja, uma produção de uma mercadoria (frango) que carrega dimensões simbólicas no campo das crenças e princípios religiosos históricos do Islã, mas que obedece à lógica comum da mercadoria quando, em sua confecção, há relações sociais de trabalho assalariado.

Desse modo, fatores da tradição religiosa são otimizados pela dinâmica moderna do mercado globalizado do campo da alimentação; com isso, modernidade e tradição não são contrapostos, e, sim, dinâmicas que se retroalimentam, ou melhor dizendo, a tradição revela-se na modernidade produtiva e mercantil, naquilo que esta pode otimizar ao seu favor.

Organizamos nosso singelo texto analisando, primeiramente, alguns elementos que correlacionam o imigrante como um ser para o trabalho, sua importância e sentidos; posteriormente, adentramos para algumas questões que vinculam imigrantes nos frigoríficos da região Sul do Brasil. Nesse âmbito,

3 No presente texto, identificaremos os entrevistados, tanto os empresários, quanto os imigrantes, bem como responsáveis por setores de empresas que se constituíram em nossos interlocutores em pesquisa de campo como “Entrevistado nº tal”. Preservaremos a não identificação por se tratar de um tema que envolve relações de trabalho em que os principais sujeitos envolvidos são imigrantes e em situação de demanda por refúgio, bem como por ser uma dinâmica mercantil alimentada por contratos, exigências e fiscalizações.

abordamos alguns aspectos do setor Halal, suas especificidades, práticas e a dimensão religiosa presente nesse processo.

Enfim, o objetivo central do texto é analisar e refletir sobre um nicho de trabalho que envolve praticamente só imigrantes e todos muçulmanos, na sua maioria, solicitantes de refúgio, bem como empresas em redes internacionais de um alto mercado exportador que se insere no interior do processo produtivo frigorífico no Brasil e alimenta suas ações e justificativas de mercado pelo viés religioso e a simbologia mercantil da certificação.

Os imigrantes e o trabalho

Como já dissemos, o imigrante é, por excelência, um sujeito de e para o trabalho. O sentido de sua mobilidade geográfica se fundamenta nisso. Sem trabalho ou estando desempregado, o imigrante perde seu sentido de ser. O imigrante é visto nesse mercado de trabalho como força de trabalho “disposto a tudo”, como nos disse um empregador; esse “disposto a tudo” pode significar trabalhar em turno noturno, em turnos extensivos, em trabalhos com grande aplicação de mão de obra, em espaços “que os daqui não querem mais”.

A migração movimenta o desejo de ganhar dinheiro e o migrante a procura com todas as forças possíveis, sujeitando-se, muitas vezes, a um cenário oposto do projetado para si no futuro; em geral, com características de exploração, condições precárias de vida, lazer e sociabilidade, discriminação, ausência de reconhecimento humano, social e cultural. O sonho da emigração é alimentado pela dimensão metafórica da viagem (sair para melhorar) e produzido pela esfera midiática e relacional dos que já foram, por fenômenos da sociedade global e por novas concepções em torno das fronteiras físicas, culturais e linguísticas.⁴

Melhorar de vida, em particular, tendo a esfera econômica como central, é o mote, a intenção e a idealização da prática migratória internacional. Essa dimensão compõe a subjetividade e a micropolítica do imigrante que envolve o campo familiar, afetivo, de *status*, da dádiva familiar e de parentesco, de seu vínculo com o local de origem, de “pensar no futuro”. Mas, há, também, uma macropolítica constituída pelo mercado de trabalho, pelo sistema público e financeiro que normatiza e se alimenta no interior desse processo. Por isso que o envio de remessas, fruto de seu trabalho, transforma o emigrante num sujeito econômico que pondera seus recursos num território e também no outro; as duas dimensões políticas (micro e macro) encontram-se nessa prática que vincula o imigrante a uma ordem transnacional de interações oficiais e morais (AMBROSINI, 2010).

4 MEIHY, J. C. S.; BELLINO, R. R. **O estado dos imigrantes:** o 28º estado brasileiro – um mercado de US\$ 50 bilhões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008; ver, também, MEIHY, J. C. S. B. Mas há fronteira? In: PAIVA, O. da C. (Org.). **Migrações internacionais:** desafios para o século XXI. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007, p. 31-50.

O sacrifício em fazer poupança em outro país é sinônimo de possibilidade de investir no local de origem. Essa lógica entre parcimônia em um local e investimento no outro é lugar comum em meio aos imigrantes. Esse processo auxilia na vida distante, permite sobreviver a situações adversas (LAHLOU, 2004). Exclusão em um espaço e a inclusão em outro são dinâmicas que obedecem a fatores de ordem interna e externa. Esse processo pode propiciar fluxos constantes no interior do grupo doméstico. A necessidade de trabalhar, ganhar dinheiro para enviar à família, associa-se à performance religiosa, social e cultural do imigrante. Essa totalidade, que é econômica, antropológica, religiosa e social, também se associa na maximização do imigrante como trabalhador para quem o emprega. Por isso que ganhar dinheiro com o trabalho *do* imigrante se associa ao ganhar dinheiro *como* imigrante. Esse processo produz relações de trabalho nem sempre movidas por horizontes éticos, legais e humanos.

Em alguns casos, a busca de mão de obra é priorizada pela necessidade que o trabalhador tem de aceitar as condições postas de trabalho. É o caso do setor frigorífico que possui o abate e a certificação Halal (como veremos mais adiante), necessária para a venda dos produtos para países de religião muçulmana. Essa realidade dimensiona um espaço deliberado de trabalho para imigrantes em situação de refúgio, de religião muçulmana, uma vez que os torna valorizados nesses processos de trabalho.

Figura 1 - Imigrantes no setor frigorífico.



Fonte: foto pesquisa de campo.

Para imigrantes, o trabalho tem consigo conotação de liberdade. O trabalho é visto como um meio de satisfazer as necessidades e ser útil à comunidade de origem. Há uma obrigação de ser assíduo ao trabalho, é por meio deste que se concilia o temporal e o espiritual; é uma prova de sacrifício e de humanização. O homem peregrino é um ser para o trabalho (por isso a emigração). Alguns membros da

família emigram para propiciar melhores condições aos que ficam.⁵ O mercado de trabalho demonstra necessitar do trabalho de imigrantes. Empresários manifestam múltiplas vantagens em tê-los em seus quadros. Há muitas reclamações de ambas as partes, porém, há, também, interesses que se alimentam e são maximizados pelos dois lados. Há uma identidade social em jogo, um papel social de homem/marido/pai, um pertencimento religioso e uma expressão de adequação aos princípios da fé em ação. Em resumo, há uma totalidade humana e social que se realiza e concretiza pelo ato de trabalhar, desse modo, justifica-se a denominação de “imigrante laboral”, ao mesmo tempo em que a comunidade de interesses se estende em horizontes que os absorve pela sua maximização econômica, necessidade e possibilidade de precarizar ainda mais fatores de produção para obter maior lucratividade pela redução de custos. A presença de imigrantes no universo de trabalho movimenta, redefine, reproduz e renova uma multiplicidade de processos histórico-culturais da sociedade capitalista e de seus dinamismos contemporâneos, os quais, inclusive, lançam mão de dimensões religiosas.

A inserção nos frigoríficos

Na região sul do Brasil há uma ampla rede de atividades industriais frigoríficas. O plantio do milho, a histórica cultura do suíno em meio aos descendentes de imigrantes europeus (alemães, italianos, poloneses em particular), bem como a estrutura pastoril e latifundiária que se constituiu desde século XIX favoreceu a instalação de matrizes industriais e subsidiárias do setor de carnes.

Nesse sentido, frigoríficos aparecem nos locais de inserção de imigrantes, em particular, senegaleses, haitianos, paquistaneses e bengalis. Em entrevista, um empresário do setor nos disse que:

[...], em torno de 21 homens e nenhuma mulher já foram contratados aqui [...]; agora são 16 funcionários; sua função maior é a sangria, isto é, matar o frango. Buscamos informações em Santa Catarina, num frigorífico de lá para ver se valia a pena. A informação foi positiva. O trabalho desse primeiro credenciou os demais. Chegamos a ter 113, agora temos exatamente 100 senegaleses. [...]. A falta de mão de obra é que fez a gente procurar eles, principalmente para a sala de corte e expedição (Entrevista com empresário do setor frigorífico, n. 4).

As falas dos empresários expressam que, após conhecerem o trabalho realizado pelos imigrantes, escolhem-nos para trabalhadores fixos, havendo, pois, a substituição de um trabalho antes provisório, temporário por um permanente. O trabalho em frigorífico em muitos setores é insalubre e os imigrantes são induzidos a realizar tarefas que nem sempre os nativos desejam. Constata-se ainda que não apenas senegaleses se dispõem a esse tipo de trabalho, mas também haitianos e bengalis.

5 A migração interna no Brasil é expressão disso, principalmente de empobrecidos, os quais migram de várias regiões para São Paulo.

Sobre as dinâmicas de trabalho, empresários e responsáveis por setores onde sua presença é mais intensa, enfatizam algumas características dos imigrantes. Comentam que possuem muitos atributos positivos como pontualidade, assiduidade e cumprimento de tarefas; salientam a capacidade de adaptação que demonstram frente às exigências fabris, de aceitação das normas das empresas e do cumprimento das ordens recebidas.

Eles têm uma virtude: têm uma grande facilidade de adaptação. O argumento de que inexistiam trabalhadores na região e que isso tornaria inviável o frigorífico fez com que eles fossem bem aceitos. [...]. Eles não faltam ao serviço, têm interesse em ampliar o horário de trabalho com horas extras. Eles nos dão segurança que teremos eles no setor no dia seguinte; são muito educados no relacionamento. É uma experiência que está dando certo (Entrevista com empresário do setor frigorífico, n. 3).

Os relatos demonstram que os empresários utilizam estratégias para manter a integração entre nativos e imigrantes em setores produtivos no interior das empresas; porém, observamos que em setores mais insalubres, como na defumação de embutidos e bacon, em salas de misturas de químicos com a carne e em salas de corte, em geral, a preponderância é a presença de imigrantes. Essas estratégias são reconhecidas uma vez que os empresários enfatizam o potencial de trabalho dos imigrantes e os valores que os motivam para o trabalho; identificam que o desconhecimento da língua portuguesa é um problema para a comunicação interna.

Falam pouco e trabalham muito; até agora sempre foi assim; entre eles não há discórdia, fazem tudo com dedicação; são até invejados pelos outros; claro que não tratamos com diferença, mas nem com indiferença. A gente controla, mas dá pra ver que se dão bem, almoçam junto, aprendem umas palavras em português, dão muita risada; conversam entre eles numa língua que tu não entende, mas no trabalho falam pouco e se ajudam (Entrevista com empresário do setor frigorífico, n. 3).

Existem reclamações pontuais de empresários no que se refere à rotatividade de trabalhadores migrantes. Os motivos alegados pelos mesmos decorrem da aceitação de outros serviços que melhor remuneram. Os migrantes não estão apegados ao serviço oferecido e, sim, às melhores condições de pagamento de sua força de trabalho. Para os empresários, essa situação gera insegurança já que o emprego em si não conta apenas. As reclamações também ocorrem no sentido contrário. Os imigrantes reclamam do trabalho pesado e da baixa remuneração dos serviços. Afirmam que quando conseguem empregos que os remuneram melhor, não hesitam em mudar de patrão.

Essa questão da migração em busca de outros trabalhos precisa ser vista como uma estratégia que os trabalhadores imigrantes lançam mão para otimizar o seu ganho. O imigrante não atua na racionalidade da aprendizagem e da oficialização da contribuição previdenciária e, sim, no ganho imediato; é a concepção imediata, do presente que o mesmo carrega em razão da premência do dinheiro, da sustentação da família, da impossibilidade de se aposentar por tempo de contribuição no Brasil,

aliás, segundo entrevistados, esse fator não entra no horizonte de sua racionalidade e projeção futura.

De acordo com o Presidente da Associação dos Senegaleses de um dos municípios pesquisados, o mercado de trabalho na região absorveu os migrantes com certa facilidade. Segundo ele, “não tem dia que não recebo muitas ligações de gente que quer os trabalhadores imigrantes”. Os motivos da preferência por senegaleses são: “trabalham intensamente, não reclamam”, “para eles não têm feriado, domingo, o que eles querem é trabalhar, ganhar dinheiro e mandar para as famílias”.

Constatamos ainda que alguns imigrantes trabalham mais de uma jornada de oito horas, o que significa que possuem duas atividades com a intenção de ampliar a renda, principalmente na venda ambulante nas ruas das cidades após o turno normal de trabalho e nos finais de semana. Trabalho insalubre, trabalho noturno, ausência de folgas semanais e trabalhos onde existem atividades de alta periculosidade fazem parte do cotidiano de trabalho de imigrantes nos frigoríficos visitados.

Os relatos de imigrantes enfatizam que eles aceitam as condições de trabalho postas, preferindo setores que remunerem melhor, mas, também, estão em maior exposição de riscos, insalubridade e precariedade de uma forma geral. Num dos frigoríficos pesquisados, uma funcionária responsável pela recepção disse que: “aqui o pessoal recebeu eles [imigrantes haitianos] com salva de palmas, porque, se não fossem eles, o frigorífico fecharia. Eles é que estão salvando o emprego do pessoal daqui”.

“Em nome de...”: religião e mercado. O sistema Halal nos frigoríficos de aves

Há vários frigoríficos na região Sul do Brasil; há mais de duas dezenas de empresas vinculadas à certificação Halal de carnes (bovina e de aves). Esse processo começou em meados da década de 1980 e vem crescendo a cada ano. Há uma ampla rede institucional de empresas ligadas a esse amplo mercado em nível internacional e que atuam nas esferas da indústria, comércio, exportação/importação. A dinâmica da Certificação Halal também está em rede com entidades internacionais, principalmente europeias e de países muçulmanos, em particular, situadas na Arábia Saudita, Egito e Iraque.

Esses negócios que se baseiam no campo religioso se comunicam e se difundem como uma macrorede que passa por empresas, câmaras de comércio islâmicas, entidades de governo, do campo religioso, autoridades muçulmanas, embaixadas, dentre outras. Muitos desses horizontes transnacionais estão em vinculação centralizada com as Ligas Islâmicas Mundiais, federações islâmicas de vários países, inclusive a do Brasil.

Os padrões Halal envolvem uma ampla cadeia produtiva e comercial irmanada nas noções de garantias, confiança, qualidade e ritualismo religioso para atender às exigências, em particular, dos consumidores muçulmanos. Países como

a Índia, Paquistão, Malásia, África do Sul, Estados Unidos, Egito, Arábia Saudita, Marrocos, Kuwait, Rússia são os atuais principais mercados (SILVA, 2012). Cada país impõe exigências e requisitos considerados fundamentais para a obtenção da certificação, portanto, há regramentos diferenciados.

O Centro Islâmico do Brasil, por exemplo, exige relatórios periódicos dos supervisores responsáveis pelas indústrias vinculadas ao sistema produtivo; o líder religioso ou seu representante deve assinar o certificado. É uma atividade que exige muitos cuidados, segurança, confiança, garantias de que as exigências estão sendo cumpridas. Na opinião de um supervisor do setor, “as empresas sabem da importância do Halal; há contratos milionários. Os compradores sabem que essas empresas [refrigeríficos] ganham muito dinheiro, por isso exigem que tudo esteja de acordo. O nosso papel é esse, é dar essa garantia e, com isso, ampliar o mercado”.

No Sul do Brasil, a CIBAL (Central Islâmica Brasileira de Alimentos Halal), vinculada à FAMBRAS (Federação das Associações Muçulmanas do Brasil), é uma das instituições mais dinâmicas e responsáveis por este amplo setor de mercado. A CDIAL (Islamic Dissemination Center for Latin American - com sede em São Bernardo do Campo) garante a certificação em vários países da América Latina. Em seu site a CDIAL diz que “cai bem aos olhos dos compradores adquirirem frangos de um país que trata tão bem seus irmãos de fé”.⁶ Um responsável pelo setor de uma das empresas que visitamos, sintetiza esse processo dizendo que

[...] estamos na empresa [como terceirizada] há quatro anos, somos em 27 trabalhadores, a maioria do Senegal. [...]. A prática mais comum do setor é degolar as aves mencionando o nome de Deus. O que diferencia do trabalho convencional é que o nosso é religioso. [...]. Nosso produto é diferencial do refrigerífico, pois todo o produto que sair do refrigerífico tem o selo Halal. O percentual para empresa é 100% com o nosso selo. [...]. Os imigrantes fazem quase tudo aqui e tem que ser religião muçulmana (Entrevista direta, n. 14).

Os produtos certificados Halal abarcam um mercado global, principalmente o do setor de alimentos industrializados. Esse setor vem crescendo em média 15% nos últimos cinco anos; atinge em torno de 38% das exportações brasileiras de frango, 40% da bovina; incorpora em torno de 30% da população mundial e movimentou em 2015, em torno de U\$ 2,3 trilhões em múltiplos setores, em particular, o de carnes.⁷

A produção de mercadorias Halal alia tradições do campo religioso Islâmico e referenciais de modernidade por meio de seus canais e estratégias de mercado. Como vimos, é o fator religioso que é dinamizado como recurso econômico-mercantil, ou, talvez, o fator mercado que se utiliza de referenciais religiosos. Ela

6 TRUZZI, O. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Sumaré, 1991.

7 Segundo dados da CIBAL, o mercado muçulmano é atrativo e alternativo; mais de um bilhão e oitocentos milhões de fiéis no mundo. Ver *Foods Ingredients Brazil*, 2016; www.revista-fi.com; acesso em 10 de março de 2016.

vincula sujeitos sociais, pertencimentos religiosos, territoriais, crenças comuns, consciência coletiva em torno de referenciais da tradição religiosa muçulmana no âmbito da alimentação de carnes.⁸

Essa tradição está ligada à memória do vivido do grande Profeta Maomé, aos seus seguidores. Ela transforma a vida do crente num seguidor/reprodutor das crenças, um membro de um processo histórico de longa data e que mobiliza laços sociais pelas relações entre trabalhadores e consumidores. Um supervisor do setor Halal de uma das empresas nos disse em entrevista que “o sangrador se sente bem em estar propiciando para seu colega de religião um alimento seguro, puro, no sentido do Halal”.

Desse modo, podemos dizer que produtos da gastronomia, bem como identidades religiosas, territórios, culturas, crenças e saberes podem estar reunidos num ambiente de confecção de produtos e de trocas mercantis. Esse ambiente econômico, religioso e cultural pode também produzir sociabilidades, mercados com reciprocidades e intercâmbios múltiplos, como valores de troca carregados de troca de valores.

Numa das nossas entrevistas com responsáveis pela área de recursos humanos de uma das empresas, a interlocutora disse que há em torno de 230 imigrantes, praticamente todos senegaleses; na linha de sangria, entre os dois turnos, há em torno de 30. Ela diz que o “principal mercado que consome frango Halal é o Oriente Médio e é o segundo maior mercado que exportamos, representa 30% das exportações”. A referida enfatiza que a presença de imigrantes veio a calhar e que coincidiu com o aumento da produção e dos contratos do sistema Halal, “pois há uma grande dificuldade de encontrar mão de obra local”. Um responsável pelo setor de outra empresa disse que “são 93 imigrantes Halal. Na empresa, 98% da exportação é Halal. A Arábia Saudita, os Árabes Unidos, o Kuwait e Omã são os que mais compram. [...] Aqui a faca na cabeça do frango faz dinheiro”.

Em todas as empresas visitadas, a linha de produção Halal é terceirizada; em praticamente todas as empresas, a terceirizada é a CDIAL (terceirização de atividades-fim) e que sempre forneceu a mão de obra especializada para a sangria.

A jurisprudência islâmica permite o consumo de carnes e derivados produzidos de acordo com as seguintes normas, as quais o Centro Islâmico no Brasil assegura em suas inspeções e supervisões: o animal deve ser lícito, o sangrador deve ser muçulmano, o sangrador deve estar consciente e com a intenção de degolar, deve-se ter certeza que o animal esteja vivo no momento do abate, a frente do animal deve ser direcionada para Meca no momento do abate, a degola deve ser realizada com uma faca de metal afiada, o sangrador deve mencionar o nome de Allah enquanto degola dizendo “Bismillah” (ou seja, “em nome de Deus”), o animal deve ser abatido cortando-se sua garganta pela frente e não por trás, todas as quatro vias devem ser degoladas de uma única vez (traqueia, esôfago e jugulares) e não apenas cortadas, o “gogó” do animal deve ser mantido com a cabeça no ato da degola, a cabeça do animal

8 Ver Demant, P. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2008.

não pode ser decepada, deve ser observada a saída de uma quantidade natural de sangue do animal abatido, o animal deve mover-se imediatamente após a degola, o que mostra que estava vivo (Entrevista direta com responsáveis pelo setor de abate Halal, n. 12).

Figura 2 - Senegaleses trabalhando no setor de abate halal em frigorífico. Chamamos atenção para a placa em frente, sobre a cabeça dos trabalhadores, em que há duas frases em árabe e a tradução em português que diz “Em nome de Deus. Deus é maior”



Fonte: pesquisa de campo.

Segundo uma responsável pelo setor de recursos humanos de um frigorífico, o sistema Halal demandou uma ampla reestruturação do setor de abate e corte do frango. O relato explicita o que significa essa exigência no setor.

O sistema Halal é bem diferenciado. Os islâmicos exigem que façamos diferente; o frango, por exemplo, antes de ser sangrado, precisa estar apenas um pouco insensibilizado; ou seja, meio morto, o choque é mais fraco, semisensível, tem de ter sinal de vida. Quem certifica é a Cdia Halal; é uma agência certificadora; tem um responsável que é o representante dessa empresa que vem sempre averiguar aqui. [...]. Há os dizeres em árabe e em português, “em nome de Deus, Deus é maior”, nas portas, na parede, em frente da sangria. [...]; a cuba da sangria deve estar voltada para Meca; há uma bússola que indica a direção; usam roupa diferente com uniforme da Cdia; não pode ser mulher em razão do ciclo menstrual da mesma. Há uma série de coisas que precisam ser diferenciadas e os senegaleses estão também nesse setor (Entrevista com empresário do setor de frigorífico, n. 6).

Segundo um responsável pela empresa certificadora CIBAL e que atua como terceirizada num dos frigoríficos, “há, em média, 17 sangradores ao todo, nos dois turnos; eles trabalham em torno de oito horas diárias, porém, na realidade, trabalham uma hora e descansam outra. Ao fim do turno, trabalharam quatro horas, pois é um trabalho repetitivo, contínuo, manual e sempre em pé”. O referido entrevistado dá ênfase que a certificação Halal é condição *sine qua non* para a exportação do produto para países muçulmanos. Ele informa que a empresa, no momento exporta, basicamente, para dois países (Egito e Iraque). Na sua narrativa, há sempre a lembrança de que, na atividade da sangria, está sempre bem presente a dimensão da higiene, da morte instantânea do frango, da fiscalização e do controle da dimensão religiosa envolvida no processo pela constante presença de líderes religiosos muçulmanos e de controladores do campo sanitário (vigilantes sanitários) que, em visita à empresa, atestam tudo isso.

O trabalho da sangria é todo braçal; a expressão “Em nome de Deus”, em árabe, precisa ser dita, nem que seja no início do processo do abate. “Todos os muçulmanos sabem que Deus, no Alcorão, disse que os animais se devem matar em nome de Deus”. O entrevistado diz que o frango recebe um pequeno choque antes de entrar na linha do abate, mas que precisa estar vivo. O sangrador não pode cortar toda a cabeça; artérias precisam ser cortadas em um só movimento manual para que o frango morra rápido. Na equipe do setor Halal há a presença de trabalhadores imigrantes senegaleses, bengalis, sudaneses, paquistaneses, líbios e egípcios.

Nas nossas entrevistas nos quatro frigoríficos, o conteúdo se repetia muito. Em praticamente todos eles, as práticas e processos são muito semelhantes. Elementos como a “importância e a necessidade de certificação”; que os “frigoríficos no Brasil ganham muito com os muçulmanos”; em dois casos, em torno de 70% da exportação necessita dessa credibilidade e segurança fornecida pela certificação de duas empresas situadas em São Paulo (Cibal e Cdial); que cada trabalhador sangrador, do setor de sangria Halal das empresas, “degola em torno de 9 a 10 mil frangos por hora”; o setor específico na empresa deve estar voltado para o nascer do sol, ou, então, para Meca; que as empresas que certificam buscam e ampliam o mercado dos países europeus e muçulmanos para as empresas da região; que a Certificação se processa tendo como base a esfera religiosa, ou seja, crenças, regramentos e concepções presentes no Alcorão e vividas pelos adeptos do Islã tradicional.

As exigências Halal não se resumem ao setor de sangria, ainda que esse seja central, mas vão desde a criação do pintinho, da ração que engorda o frango, do tamanho do frango (esse varia em razão das demandas do mercado em cada país) do fato de que alguns importadores preferem frango inteiro, outros apenas o peito e sobre coxa, outros, cortes e tamanhos diversificados. O choque do frango deve ser diferenciado da sangria convencional (a chamada eletranarcese); ele é mais fraco e o frango deve ainda permanecer vivo. O corte deve ser num movimento único (da direita para a esquerda) e o pescoço não pode ser cortado todo. O processo é

controlado desde a chegada do frango ao frigorífico até o embarque nos containers; é só aí, nesse último processo, que o carimbo da certificação é efetivado.

O sangue não pode ser comido, portanto, o processo de degola precisa permitir toda a eliminação dele. A dimensão religiosa deve ser observada com rigor e fiscalização. Na entrevista com um responsável pelo setor Halal de uma empresa houve a afirmação de que

[...] o sangrador sabe que se ele não come, não pode fazer com que um parente seu no mundo coma; ele vai pensar assim; não vai querer passar para o outro. Então, a fé religiosa, a oração e a referência a Deus no ato da sangria é fundamental. O consumidor vai saber que o que lidou com o animal fez isso e conforta ele então. [...]. Isso é o Halal; é a segurança da qualidade, a fé e os princípios religiosos estão unidos no alimento” (Entrevista com responsável pelo setor Halal, n. 11).

O mundo religioso auxilia na conformação de papéis sociais e no interior das empresas frigoríficas; está também em algumas atividades, as quais demandam vínculos, identificação e certificação para viabilizar canais mercantis internacionais. Na entrevista obtida com responsável pela vigilância e certificação de uma empresa (denominado de supervisor), ele fez questão de dar ênfase que a religião favorece o mercado e a ampliação do capital da empresa em que atua.

O setor Halal é o mais importante; 70% das exportações são Halal, e veja que é para a Europa, nem tanto para os países árabes. Agora estamos fechando um megacontrato com a Malásia; mas é para a Europa que a empresa mais exporta, pois tem muito muçulmano na Europa e o mercado europeu é muito exigente, mas não são só muçulmanos que consomem. Quem não é também consome porque é de fiscalização federal e do sistema Halal. [...]. As empresas vêm ao encontro da gente para encontrar mercados e querem ser Halal. Eu acompanho três frigoríficos nessa região e o de [nome do frigorífico] é 100% Halal (Entrevista com supervisor do setor Halal, n. 4).

Nesse sentido, percebe-se que há um vínculo forte entre economia e mercados globalizados com a dimensão religiosa, ou, então, que se alimenta de crenças, identificações grupais e identitárias com as tradições alimentares e que são maximizadas pelos horizontes empresariais. Isso se reproduz em cadeia desde as indústrias, as redes comerciais, as empresas terceirizadas que certificam, os importadores, etc.

Mundos religiosos se encontram e se cruzam em razão de premências das relações mercantis. Na realidade, a religião migra junto com os sujeitos e as instituições e, o universo do trabalho lhe dá materialidade. Ela faz parte da cultura migratória e se alimenta por processos transnacionais para poder vincular os imigrantes em seu interior. A possibilidade de expressar as crenças e/ou produzi-las no interior do cenário migratório, em dimensões coletivas, reforça a coesão, a identidade de grupos e demonstra o seu reconhecimento social. Isso tudo pode ser maximizado na esfera empresarial. Os trabalhos na certificação Halal são reveladores dessa realidade. Nesse sentido, ser imigrante e, muçulmano, torna-se

um recurso, uma espécie de capital social a serviço do capital econômico, no caso, empresarial que atua no interior dos frigoríficos.

Segundo entrevistado, responsável pela área de produção de um frigorífico,

Sem os imigrantes, isso [setor Halal] não iria pra frente. Eles formam o quadro necessário ao que está fazendo o frigorífico crescer. [...] a sangria deve estar construída para que o peito do frango fique virado para a Meca, o que foi feito ainda na construção do frigorífico, as demais instalações da empresa não mudam. Hoje toda a nossa produção feita com abate Halal. Há países que não exigem Halal, aceitam esse tipo de produto, então para não parar a produção e a cada pouco fazer um tipo de abate, é feito todo halal a não ser que algum cliente exija que não seja aí a gente muda a forma (Entrevista direta com responsável pela área de produção de um frigorífico, n. 11).

Na opinião do entrevistado, a presença de imigrantes islâmicos na região favoreceu muito essa dinâmica comercial; ela veio ao encontro de uma grande fatia do mercado internacional que estava sendo demandada pela empresa e que demonstra ser muito concorrida e exigente.

Percebe-se que a certificação Halal de carnes (bovinas e frangos) envolve um amplo processo de supervisão e controle, o qual não se reduz ao abate. Nesse âmbito maior, “além de elementos de assepsia, higiene, qualidade, embalagens, envasamento, temperatura, não se pode descuidar do campo religioso”.⁹ Há uma intensa fiscalização no processo que estrutura o abate Halal através de supervisores na planta para acompanhar se está sendo bem feito ou não, essa empresa também é a que emite o certificado Halal para enviar aos clientes. “Em alguns casos, os clientes mesmo mandam seus supervisores na planta para acompanhar a produção e o carregamento de seu pedido para ter a certeza de que está sendo feito tudo certo”.

Diz um supervisor entrevistado que “para comer carne, deve-se abater nos rituais, tem de seguir as normas, senão não se pode comer. A pessoa que mata deve ser sã mental e espiritualmente, ser um fiel muçulmano, mas, em geral, nossa empresa está contratando imigrantes que pedem refúgio no Brasil. Tem de ser um fiel muçulmano habilitado”.

Princípios religiosos do Islã, que são expressos nos alimentos e são frutos de ensinamentos de suas raízes históricas, revelam e ritualizam a identificação e a adesão do crente. Em entrevistas com responsáveis pela certificação e com gerentes de setor de exportação de empresas frigoríficas ficou bem claro que a certificação Halal atrai consumidores que não sejam muçulmanos “em razão da segurança de se ter boa qualidade, higiene e procedência”. Segundo eles, há um amplo mercado em expansão nesse sentido, assim como a emigração de muçulmanos para vários países, em particular para a Europa e norte do continente americano; esses todos tendem a disseminar a demanda Halal para outros cenários e ampliar consumidores

9 Disponível em: <<http://www.alimentoshalal.com.br/pt-br/sistema-producao-halal>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

para além dos vínculos religiosos. “Vendemos somente para a Europa; ela tem mais ou menos 20 milhões de muçulmanos, assim como nos Estados Unidos tem mais de 30 milhões. Esse é um mercado que se amplia com a imigração e a reprodução de filhos das famílias”.

Um entrevistado, responsável pela certificação, enfatizou a todo o momento que o Islã inclui “muitos campos da vida das pessoas e prima sempre pelo seu equilíbrio”. Nesse sentido, a alimentação do corpo é essencial, pois ela não está desvinculada de outros horizontes, por isso ela é uma conduta, deve obedecer a regramentos. A dimensão do sagrado não está apenas no ser humano, mas em todos os seres, por isso, “a necessidade de equilíbrio entre todas as coisas que trazem benefícios para a sociedade e que não sejam ruins e destrutivos para ela e para os homens. [...]. A vida é sagrada para o Islã, por isso, a alimentação auxilia na conservação da vida; arruiná-la é uma ofensa à humanidade que recebemos”.

As empresas informam que uma planta ou uma estrutura para o abate Halal traz resultados financeiros seguros, que há uma grande demanda e não intencionam desabilitar a convencional em razão da instabilidade do mercado do frango em países com conflitos sociais e religiosos, bem como que os altos custos de reestruturação nas empresas são repassados ao produto. Diz um diretor de frigorífico entrevistado que “[...] se ganha muito mais com o Halal, mas temos de ter o cuidado de fazer tudo certo; de fazer vir seguidamente o Sheik para atestar a presença do campo religioso. O Irã e Arábia Saudita, por exemplo, exigem isso. (Entrevista com diretor de um dos frigoríficos, por telefone).

“Entre os vivos e os mortos”: as relações de trabalho na ótica dos imigrantes

Tivemos muitas dificuldades em obter informações sobre as relações de trabalho junto aos imigrantes muçulmanos do setor Halal. Os referidos estão sempre muito próximos e na dependência dos supervisores e, por isso, relutam em falar sobre, principalmente quando solicitados a falar sobre as relações de trabalho, além de comporem um setor que é estratégico para as empresas, que “envolve muito dinheiro e exigências”, como um supervisor nos disse. Sem esquecer, é evidente, que grande parte dos trabalhadores é terceirizada e em situação de solicitação de refúgio, fato esse que os coloca em situação vulnerável.

Imigrantes entrevistados exteriorizam reclamações acerca do que sofrem no ambiente de trabalho, principalmente do “trabalho pesado”. Eles relatam que precisam executar as tarefas de forma rápida sendo que as palavras “rápido, rápido”, repetidas duas vezes, enfatizam o ritmo imposto pela empresa nas atividades e, segundo eles, é o que eles mais ouvem logo que são contratados, sendo as palavras em português que aprendem mais facilmente quando começam a trabalhar nas empresas.

Eu vejo aqui [no frigorífico] que os piores setores têm sempre mais estrangeiros; quando a temperatura fica em zero grau, somos nós estrangeiros escalados para trabalhar; como vem sempre imigrante novo, eles vão botando esses nesses lugares e tirando os brasileiros, isso já vi bem claro. [...]. Eles

[supervisores] falam que é para fazer rápido, que é para estar sempre com a faca no pescoço [...]. Aqui os segundos são tempos valiosos (Entrevista com imigrante do setor de frigorífico, n. 16).

Os entrevistados do setor convencional enfatizam que não gostam do trabalho, pois é intenso, com muita umidade e frio (esse último foi muito enfatizado demonstrando sua total falta de adaptação às altas temperaturas no interior dos frigoríficos, principalmente por senegaleses); dão centralidade ao ritmo de trabalho, principalmente no corte e desossa, o qual obriga movimentos para além dos aceitos pelo Ministério do trabalho e o setor de medicina do trabalho (estipulados em torno de 35 movimentos por minuto). Apenas para se ter uma ideia, no setor Halal, os trabalhadores, individualmente, degolam em média de 10 a 12 mil frangos por hora, havendo, então, no mínimo, cerca de 80 a 90 movimentos manuais por minuto, três vezes mais em relação ao máximo permitido. Dois entrevistados do setor disseram que só podem ir ao banheiro na hora de intervalo; outro nos disse que, dependendo da demanda externa pelo frango certificado, há aumento no ritmo da velocidade, bem como subtração do tempo de intervalo de uma hora. Na área de abate convencional, imigrantes entrevistados dizem que os ritmos e as metas de abate estão sempre sendo alteradas para cima; há pressões verbais e reclamações quando do não-cumprimento de tarefas; que há um intenso cansaço físico e mental. Os do setor Halal podem ser transferidos de um frigorífico para outro, de uma cidade para outra, ou até de um estado para outro, pois são funcionários de uma empresa terceirizada que possui contrato com vários frigoríficos.

Um entrevistado do setor Halal, em sua residência, pincelou algumas frases ditas em momentos intercalados, em meio a conversas com outros trabalhadores, dando ênfase ao fato “de que tem mais obrigação de fazer tudo certo, pois sua situação no país (demanda de refúgio) é incerta”; “o supervisor está a todo o momento junto, quando o Sheik aparece, aí sim é total perfeição”; “o descanso de uma hora nem sempre é levado em conta, depende muito da intensidade do produto”; “na comparação com os outros [do setor convencional], acho que temos melhores condições e melhor remuneração, mas temos mais compromissos”; “se um frango passa e não for degolado, esse frango vai para o convencional e atrapalha todo o nosso rendimento e o supervisor reclama muito”.

Nesse sentido, percebemos pelas narrativas de que há condições opressivas de trabalho, que o ufanismo dos dados de exportação de carnes incorpora formas pouco edificantes de relações de trabalho. Nunca esquecendo que, em geral, são imigrantes em situação de refúgio (Paquistão, Sudão, Egito, Senegal, Marrocos, Gana, Nigéria, dentre outros) e que, em razão disso, precisam também seguir regras de vida e de sociabilidade para além e junto com o universo do trabalho.

Essa realidade de trabalho revela também a confecção de uma mercadoria islâmica que dimensiona os fundamentos da mercadoria em geral: mais-valia (intensificação do ritmo da força e do tempo de trabalho), expropriação do fruto do trabalho, alienação do dinheiro, fetiche da mercadoria, encantamento do produto

pela dimensão religiosa, sua manualidade e simbologia mercantil da certificação.¹⁰ Marx já dizia que, no espaço da fábrica, o capital se transmuta na forma mercadoria, pois ele se complementa, realiza e necessita do mercado; porém, nessa esfera, a mercadoria também se transmuta para a forma monetária e, daí o seu ciclo de valorização se reinicia. Todo esse processo tem a base no trabalho assalariado, na transformação do sujeito em força de trabalho (HOBSBAWM, 1981). No caso específico dessa transformação de um imigrante refugiado em força de trabalho no setor de sangria do setor frigorífico, o trabalho do trabalhador torna-se um ato de virtude, uma ação legitimada pelo transcendente. Desse modo, a disciplina do trabalho, o esforço, o sacrifício, a obediência e aceitação, aliadas à situação imigrante em demanda de refúgio, poderão fortalecer a lógica da produção mercantil e o processo capitalista que a engendra.

Nesse âmbito das ações e exigências de mercado Halal, o status do imigrante tem impacto positivo no mercado de trabalho, pois ele revitaliza rituais e crenças tradicionais em cenários (empresas) e sociedade secularizadas. Os universos de representação simbólica (alimentar), a partir de elementos constitutivos de um sistema religioso, produzem uma cultura do mercado alimentada de bens simbólicos. Em outras palavras, há uma incorporação do meio empresarial (através de processos econômicos) ao discurso (narrativas históricas) e dinâmicas religiosas em suas possibilidades de produção e vendas. Isso significa dizer que há uma diluição e porosidade nas fronteiras do religioso no mercado econômico e no mercado das almas.

Desse modo, tradições são reinventadas e/ou reproduzidas no horizonte moderno, assim como aspectos do moderno são incorporados, como contrapontos, na esfera do religioso (CHAUDRY, 2004). No caso específico do Halal, consumidores muçulmanos podem compreender que comer frango sem o método da sangria específica e sem a demonstração verbal do “em nome de Deus” e “Deus é o maior”, pode significar impureza, coisa ruim (“Haram”, com sentido contrário a “Halal”), entender que a lógica da modernidade mercantil convencional (do lucro pelo lucro) não está preocupada com a saúde e/ou alimentação saudável e muito menos em lhe dar fundamentação e justificativa religiosa. Para os muçulmanos, há necessidade de reencantar o alimento animal (frango/bovinos), situando-o entre as ordens de sua natureza e do divino, sacralizando-o.

No interior da indústria frigorífica produzem-se combinações de realidades distintas de significados (o setor Halal e o convencional), mas ambos se irmanam pelo processo de exploração intensiva do trabalho; num deles (no Halal), recursos tradicionais de base religiosa servem como condição primordial para fazer emergir lógicas modernas de produção/produktividade e atração do consumidor (pela certificação). Por isso insistimos na ideia da manutenção de uma ordem simbólica/religiosa que conduz a uma ordem social (BOURDIEU, 1999), que é compreendida

10 O desenvolvimento dessas categorias pode ser encontrado em Marx, principalmente no livro “O Capital”, Vol. I.

e atualizada pelos rituais (GODOY, 2015), possuindo além do efeito agregador e de identificação grupal, a consagração dos fiéis, ou seja, tudo feito em nome de Deus e de Sua glória.

O espaço do abate Halal torna-se um território de rituais da morte (do frango); essa, emanada pelo sagrado e pela dimensão simbólica de um coletivo – os muçulmanos, os quais demandam uma moralidade integrada a uma ordem de crenças, origens e orientações históricas (SILVA, 2012). A sacralização desse espaço laico - o frigorífico, dá-se pelos dizeres e orações que são pronunciadas e ritualizadas antes ou durante o abate. Não há, nesse espaço, a densidade sacral de uma mesquita ou de uma oração desenvolvida sobre o tapete nas residências dos imigrantes muçulmanos, mas há uma adesão afetiva de uma religiosidade mais ampla na medida em que o indivíduo (o trabalhador-sangrador) sente-se e atua servindo e permitindo o alimento para um coletivo, o qual ele é co-participante.

Por isso que algumas tradições religiosas islâmicas e modernidade econômica, nesse caso, não podem ser vistas como dicotômicas; são, sim, possibilidades de arranjos e aglutinações. Tradição, nesse sentido, não é o que sobra, o que não foi ainda esquecido ou o que, na modernidade, ainda se contempla, mas um processo que, nos canais dessa (em sua dinâmica econômica e temporal), maximiza seus sentidos e eficácias (HARVEY, 1993), estabelecendo novos relacionamentos entre a sociedade e as tradições. Essas últimas justificam-se, demonstram sua razão de ser perante a sociedade e ritualizam-se impondo-se no mercado alimentar.

Nessa mágica religiosa, que transforma um produto em mercadoria, representada por relações sociais de produção, relações essas precarizadas e que “coisificam os trabalhadores” (MARX, 1983), alimentam cifras de aumento de exportação de frangos no Brasil e para as empresas. Aí o fetiche se produz (MARX, 1983), pois o que aparece é esse dado econômico e a sua maximização, não o trabalhador e suas relações. Na realidade, a situação do imigrante, como força laboral e realidade de vida precária, tanto no espaço de origem, quanto no de destino, revela-se de uma forma intensa no interior dos frigoríficos, independente se for da linha Halal ou não.

Enfim...

O imigrante idealiza trabalhar, ganhar dinheiro, enviar para sua família e, com isso, ambos, melhorar de vida e de performance social. A migração movimenta esse desejo e o imigrante tenta materializá-lo com todas as forças possíveis, sujeitando-se, muitas vezes, a um cenário oposto do idealizado no ato de emigrar. Não se pode esquecer que os imigrantes possuem, por sua natureza, uma identidade deslocada, pouco conhecida, com status social baixo, inserido nos graus mais inferiores da hierarquia ocupacional, e é para sair dessa situação precária que emigraram (SAYAD, 2008). É pelo trabalho e pela convivência social que eles acreditam constituir legitimidade no interior da sociedade brasileira e regional.

A decisão de emigrar apresenta-se como estratégia para fazer frente a uma realidade precária vivida no país de origem. Imigrantes enfrentam muitas barreiras,

riscos, constrangimentos, reações negativas para alimentar a esperança de uma vida melhor (VILELA, 2011). Por isso, ele lança mão de múltiplos processos, submetese às condições impostas pelos empregadores na esfera do trabalho, em particular, com a faca sempre bem afiada para degolar o frango.

Imigrantes distanciam-se de suas famílias, exercem a paternidade e a vida afetiva com esposas/os, pais e amigos num universo de separação e à distância. Alguns membros da família emigram para propiciar melhores condições aos que ficam; é uma lógica de exclusão para a inclusão; excluir-se da família para permitir a inclusão de quem fica; é excluído e marginalizado de uma série de fatores num local para ser incluído em outro no campo econômico, social, familiar e identitário. Desse modo, inclusão e exclusão no cenário imigratório precisam ser vistas não como dicotomias, mas, fazendo parte de um mesmo processo que constitui a identidade do imigrante.

Vimos que o trabalho no setor frigorífico é intenso na região em estudo e revela ser precarizante em razão de sua intensidade, ambiente insalubre e relações de produção que exigem ritmos intensos, repetitivos e exigências de produtividade, além do salário baixo, sempre reclamado pelos imigrantes.

O sistema de produção Halal é bem expressivo de um universo que emprega imigrantes com habilidades e características religiosas. É um setor também dinâmico em nível regional, vinculado a redes nacionais e internacionais, bem como a intermediários de múltiplas esferas e que se condensam na prática da sangria e de suas correlações religiosas, na maximização produtiva de terceirizadas no interior das empresas, de trabalhadores em situação de demanda de refúgio (de múltiplos países) e que possuem características de um trabalho especial.

Vimos que frigoríficos do Sul do Brasil dependem imensamente dos contratos milionários do sistema Halal e da simbologia de sua certificação na busca e na manutenção de mercados internacionais do frango.

A jurisprudência que contempla esses trabalhadores em situação de refúgio, por ser débil e/ou frágil (BAENINGER; PERES, 2011), deixa-os também nessa situação, ou seja, os pressiona para a aceitação dos ritmos intensos de trabalho em cenários insalubres e precários. Essa é uma das grandes marcas da imigração Sul-Sul presente nas últimas décadas, a qual altera o eixo dos fluxos entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Nesse sentido, imigrantes entrevistados reforçam a ideia de que há um grande nicho de mercado designado para eles no setor frigorífico, tanto é que num deles, há mais de 200 imigrantes. Sob o manto das tradições religiosas, a lógica da mercadoria e as relações sociais de trabalho vão sendo dinamizadas e alimentando amplos mercados globalizados.

REFERÊNCIAS

AMBROSINI, M. **Richiesti e respinti. L'immigrazione in Italia.** Come e perché. Milano: Il Saggiatore, 2010.

- BAENINGER, R.; PERES, R. G. Refugiados africanos em São Paulo: espaços de migração. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n. 3 (24), p. 97-110, 2011.
- BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 27-78.
- CARCHEDI, F; MOTTURA, G.; PUGLIESE, E. **Il lavoro servile e le nuove schiavitù**. Milano: Franco Angeli, 2003.
- CASACCHIA P.; GALLO, I. Percorsi di inserimento lavorativo. In: ACOCELLA, N.; SONNINO, E. (a cura di). **Movimenti di persone e movimenti di capitale in Europa**. Bologna: Il Mulino, 2003, p. 69-82.
- CHAUDRY, M.; RIAZ, M. **Halal food production**. Boca Raton, FL: CRC Press, 2004.
- DEMANT, P. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GODOY, J. M. T. Igreja, religião e disciplina fabril no contexto da industrialização brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano, VIII, n. 22, p. 251-277, maio/agosto de 2015.
- HARVEY, D. **A condição Pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1993.
- HEIDEMANN, D. **Migrações: discriminações e alternativas**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- HOBBSBAWM, E. **Os trabalhadores: estudo sobre a história do operariado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- LAHLOU, M. Filières migratoires subsahariennes vers l'Europe (via le Maghreb).” In: MARFAING, L.; WIPPEL, S. (Eds.). **Les Relations transsahariennes à l'époque contemporaine: un espace en constante mutation**. Paris: St. Éditions, 2004, p. 113-140.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MEIHY, J. C. S. B. Mas há fronteira? In: PAIVA, O. da C. (Org.). **Migrações internacionais: desafios para o século XXI**. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007, p. 31-50.
- MEIHY, J. C. S.; BELLINO, R. R. **O estado dos imigrantes: o 28º estado brasileiro – um mercado de US\$ 50 bilhões**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- MENEZES, C. O drama dos muçulmanos nos abatedouros brasileiros. **Carta Capital**, 17 de junho de 2014.
- ROLLSING, C.; TREZZI, H. Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul. **Zero Hora Notícias**, 16 de agosto de 2014, p. 12.
- SAYAD, A. **L'immigrazione o i paradossi dell'alterità. L'illusione del provvisorio**. Verona: Ombre Corte, 2008.
- SEIDLER, Pauline, P. B. **Exportação brasileira de carne bovina para os muçulmanos do Oriente Médio e o Norte da África: perfil das transações comerciais e principais**

características do campo organizacional. Brasília: UNB, 2012. Dissertação de Mestrado em Agronegócio.

SILVA, A, R. de. **Imigração afro-islâmica na indústria avícola Halal brasileira**. São Paulo: USP, 2013. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana.

SILVA, I de O. **Relação de consumo religiosa**. São Paulo: Atlas, 2012.

TRUZZI, O. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Sumaré, 1991.

VILELA, E. M. Desigualdade e discriminação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, n. 54 (1), p. 89-129, 2011.